

## INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DE ROMA

Responsável: **Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming**  
Museu de Arqueologia e Etnologia / USP

PALLOTTINO, M. *Origini e storia primitiva di Roma*. Milano, Saggi Bompiani, 2000.  
Prólogo: 5-13.

Este livro é fruto de uma antiga paixão e de uma longa experiência de estudo. Com o mesmo título, *Origens e história primitiva de Roma*, já havia aparecido a coleção dos escritos precedentes do autor sobre as origens de Roma em uma seção do primeiro volume dos seus *Ensaio de antiguidade*, 1979; e, sem dúvida, aqueles escritos representam, nas idéias expostas e no modo de raciocinar, um pressuposto essencial da obra atual. Mas enquanto isto, o campo de observação foi-se alargando com ritmo crescente pela chegada de novas descobertas e discussões; de modo que pareceu útil retomar e desenvolver o discurso, propondo-o em forma unitária e orgânica.

Poder-se-ia duvidar da unidade de uma nova intervenção nesta matéria já tão difusamente tratada e debatida. Mas deve ser considerado que a maior parte dos escritos sobre o argumento, sobretudo nos últimos anos é constituída pelas contribuições especializadas que contêm avaliações pessoais de fatos arqueológicos, topográficos, epigráficos ou análises dos testemunhos das fontes literárias que concernem problemas isolados históricos, jurídicos, histórico-culturais, histórico-religiosos: frequentemente ensaios de autores diversos sobre o mesmo tema ou sobre temas afins recolhidos em obras miscelâneas, em periódicos, em atas de congressos. Está fora de dúvida que todas estas pesquisas particulares concorreram e concorrem largamente para o progresso dos conhecimentos. Não se pode, todavia, esquecer a exigência de uma junção e de um enquadramento que compreenda o conjunto que confie no critério e na responsabilidade de um único estudioso e tenda à revisão de toda a matéria com base em informações largamente compreensíveis e com a máxima objetividade de juízo possível, isto sem teses interpretativas preconcebidas. Da mesma maneira que é justo que os resultados do processo científico sejam de tempos em tempos ilustrados ao público amante da história. Isto que é aqui apresentado é, entre outras coisas, uma tentativa de responder a estas demandas.

O livro quer ter, sobretudo, o caráter de um desenvolvimento plenamente expositivo no limite que a matéria consinta, além de ser de leitura fácil. Neste sentido, pensou-se oportuno prescindir o texto do embaraço de um aparato crítico de argumentações e de discussões já amplamente fornecido pela literatura precedente sobre o mesmo tema: à qual se remete através de uma “Documentação” final, salvo os casos em que se tornem estritamente necessárias intervenções demonstrativas imediatas. Quanto à impostação geral do discurso, o critério adotado não foi o de uma exposição sistemática por problemas isolados (dados étnico-linguísticos, povoamento, forma de vida, sociedade, instituições, religião, produção, arte e assim por diante); antes, preferiu-se tentar um “recorte” narrativo por fases cronológicas sucessivas, cada uma correspondente a um capítulo do livro: o que permite facilitar a compreensão dos fatos segundo uma perspectiva mais incisivamente histórica. E isto pode ser considerado de qualquer modo uma novidade.

É compreensível que um trabalho como este que aqui se empreendeu não pode compreender tudo o que se conhece e que se discutiu até agora sobre os problemas das origens e da história primitiva de Roma. A imensidão dos materiais utilizáveis e utilizados e da bibliografia não consentiria, como até agora jamais consentiu, a compilação de um tratado completo e exaustivo sobre o argumento. Não deverá por isso mesmo surpreender o leitor se alguns aspectos particulares foram considerados fugazmente ou de maneira diminuída ou até mesmo omitidos, enquanto outros aparecem desenvolvidos com maior amplitude. A escolha, que, todavia não descuidada do essencial, é de quando em quando sugerida pela natureza dos problemas que podem aparecer mais ou menos estimulantes e atuais, ou, de qualquer modo, dignos de interesse a juízo do autor.

É supérfluo acrescentar que tudo o que se verá exposto nas páginas deste livro está subjacente às pesadas hipotecas da pouca certeza e da provisoriedade. A distância dos tempos, a escassez e a ambiguidade dos testemunhos historiográficos e arqueológicos, a diferença dos métodos e das abordagens interpretativas tornam evidentemente impossível uma clara percepção e avaliação das situações e dos fatos que se referem àquele quadro fragmentário e fugidio. Sobretudo para cada nosso juízo se requerem uma boa dose de prudência e até mesmo uma certa abertura para o possibilismo e a auto-crítica: o que significa recusar aquelas atitudes de confiança cega e inabalável nas próprias hipóteses, que de fato escorregam, que caracterizaram muitos escritos “como teses” exatamente neste campo dos estudos sobre Roma primitiva (entre os quais emergem sobretudo os memoráveis casos das grandes propostas reconstrutivas de Einar Gjerstad e Andras Alföldi, das quais já se reconheceu universalmente a falência, como se terá ocasião de discutir).

Por outro lado, nossos conhecimentos estão bem longe de representar uma conquista sólida e definitivamente concluída. Ao contrário, o incessante crescimento dos fatos fornecidos pelas descobertas arqueológicas, e entre outros em particular pelos novos documentos epigráficos, torna precária e aperfeiçoável toda imagem daqueles horizontes históricos. Deve ser dito muito explicitamente a este propósito que tudo o que até agora veio à luz das escavações arqueológicas da área urbana e suburbana de Roma no que se refere às suas fases pré-históricas e proto-históricas é apenas uma parte, e presumivelmente uma pequena parte, do que ainda existe sepulto dentro e sob as estratificações da cidade histórica em níveis de fundo ou em cantos mortos poupados pela construção civil e pelas grandes transformações urbanas de período romano imperial, para não falar dos tempos sucessivos. Exatamente algumas revelações surpreendentes das pesquisas em curso são prova do que se pode esperar do futuro, talvez também com grandes subversões das opiniões correntes.

Mesmo com todas estas reservas não se considerou impossível propor em grandes linhas uma nova re-evocação do processo constitutivo de Roma entre a Idade do Bronze e o início dos tempos históricos. É uma tentativa que pretende substancialmente seguir as correntes de opinião dominantes no curso dos últimos cinquenta anos nas obras de reputados historiadores, juristas, arqueólogos, especialmente italianos (impõe-se a lembrança, entre outros, de Plínio Fraccaro, Pietro De Francisci, Santo Mazzarino, Arnaldo Momigliano), substancialmente concordes em algumas idéias maiores, entre as quais em particular a reivindicação do valor histórico da tradição literária clássica. A esta tendência, à qual aderiu o próprio autor, procura-se aqui abrir perspectivas ulteriores através da consideração de problemas propostos e discutidos em tempos recentes e recentíssimos.

Na sua aspiração a desenvolver a matéria com cauta simplicidade, e na sua “cenografia” e “escritura”, este livro quer e (esperançosamente) pode ser um livro para

todos, tanto de cá como de lá das barreiras acadêmicas: na mais firme convicção de que não se possa fazer obra de ciência, ao menos no campo das ciências humanas, sem uma clara traduzibilidade das conquistas críticas em informação e divulgação. Também por isto, e também neste caso, ficam excluídas todas aquelas complicações ou sutilezas teóricas que não contribuem para a real compreensão dos fenômenos históricos, como qualquer pedantismo terminológico ao usar palavras técnicas ou estrangeiras, de que alguns estudiosos se comprazem para parecer mais sábios e atualizados.

Parece oportuno definir a substância do tema enfrentado. Se para os antigos o nascimento de Roma se identificava com um fato certo e preciso, isto é, com a fundação da cidade por Rômulo, para nós modernos a perspectiva é diferente e muito mais complexa. Trata-se, de fato, de uma matéria de pesquisa e de discussão largamente aberta a toda experimentação, no âmbito da qual as tentativas de interpretar historicamente o processo constitutivo de Roma se resolvem em propostas passíveis de opiniões mais do que em soluções concordes.

A longa tradição de estudos sobre este argumento foi-se intensificando no decorrer das últimas décadas, sobretudo dos recentíssimos anos, pela vivacidade das pesquisas arqueológicas e topográficas, pela extraordinária importância das descobertas, pelo fecundo empenho de análises dos antigos achados, pela reabertura de todos os problemas históricos e o desenvolvimento de novos locais de pesquisa, pelas polêmicas sobre o método e sobre as propostas de soluções que envolvem reconstruções.

Veio-se, assim, formando um pólo de interesse crítico vigorosíssimo que acabou por dar ao tema dos primórdios de Roma uma colocação particular e de qualquer modo distinta em relação à história romana, cuja exposição constituía como norma o capítulo inicial. Ora, não há dúvida que do ponto de vista da comunidade dos lugares e das memórias existe uma história “diacrônica” de Roma que vai das origens ao período imperial. Se, entretanto, nos referimos à realidade diversa dos tempos, isto é, aos enquadramentos em épocas, devemos necessariamente reconhecer que a comunidade mais antiga pertence a um mundo bem distante daquele no qual Roma, chamada a desenvolver uma função original e universal, torna-se protagonista da história antiga, e para o qual se poderá falar em um sentido mais próprio de “história romana”.

Não é justo afirmar que as fases iniciais de Roma são a premissa da sua grandeza futura. Sem nenhuma dúvida opera ainda em parte sobre nós modernos, como já operava sobre os antigos, a sugestão daquele futuro retrospectivamente refletido sobre as origens, no sentido de uma predestinação que os antigos tinham configurado em augustas lendas. Mas é também verdade que o erro mais insidioso e nefasto no qual possa cair um historiador é o de avaliar eventos do passado à luz de eventos sucessivos então não ainda acontecidos, portanto, não conhecíveis e não previsíveis antes que acontecessem: e isto pelo fato de que ele, isto é, o historiador, está em condições de conhecê-los (e quase instintivamente acolhê-los) na sua percepção geral da sucessão dos tempos; enquanto é razoável e legítimo considerar uma realidade histórica qualquer, somente à luz do que a precede e a acompanha, não do que a segue. Claramente não temos motivos suficientes, e portanto o direito, de considerar que a Roma das origens, incluída no seu florescimento arcaico até o princípio do séc. V a.C., contivesse em si fatores determinantes do seu destino imperial. Aquelas origens e aqueles desenvolvimentos não parecem diferir da norma da constituição e da primeira afirmação dos grandes centros da Itália tirrênica (isto é, da Etrúria, do Lácio, da Campânia), além das colônias gregas, mesmo se precocemente Roma se colocará entre

os centros de máximo relevo, como teremos ocasião de destacar. E, na realidade, por quanto nos é permitido julgar, somos propensos a crer que no final do período arcaico tudo fosse ainda não prejudicado e possível: isto é, que o destino de Roma permanecesse aquele particular e circunscrito de qualquer uma das cidades coetâneas, ou que, ao contrário, se dilatasse em uma excepcional primazia, como de fato ocorreu.

O campo geral de estudos no qual se coloca o tema dos primórdios de Roma não é, portanto, tanto a história romana, mas, antes, a proto-história itálica, isto é, o complexo dos problemas relativos àquela idade que viu na Itália a transformação das culturas das aldeias pré-históricas em incipientes estruturas urbanas, a gradual formação das uniões étnicas historicamente conhecidas, aqueles primeiros contatos com o Oriente e com a Grécia que foram decisivamente portadores de civilização. É neste contexto que devemos procurar os modos e os tempos do nascimento e do primeiro desenvolvimento da cidade.

Existem na Itália mais antiga dois modelos de criação de centros urbanos, próprios de duas áreas culturais distintas e bem definidas: de um lado, as fundações coloniais gregas no sul da península; de um outro lado, o espontâneo desenvolvimento das aldeias indígenas no resto do território. Os gregos, vindos em contato com a Itália, inspiradores de todos os relatos sobre as origens transmitidos pela literatura clássica, não podiam imaginar estas origens a não ser à luz de sua experiência histórica, isto é, no esquema “colonial” de uma operação devida a uma intervenção externa e cumprida em um único e bem determinado momento. Este esquema foi por eles estendido também às origens das cidades não gregas da Itália, naturalmente com a invenção de todo tipo de histórias fabulosas que implicavam a presença de heróis fundadores (ecistas) mais ou menos conhecidos no mito. É assim que se criam as muitas versões legendárias sobre a fundação de Roma e seus ecistas, das quais uma restará por fim consagrada e acreditada de modo exclusivo: aquela de Rômulo. Mas a verdade histórica é bem diversa. Para Roma, como para as outras cidades não gregas da Itália, com atenção particular à Etrúria e ao Lácio, os testemunhos arqueológicos mostram com certeza material uma formação progressiva daquela que será a cidade histórica de remotas ocupações pré-históricas através de lentos e vários processos de crescimento e de integração, como amplamente se ilustrará no ulterior desenvolvimento da exposição. Qual relação possa, pois, porventura existir entre esta realidade e as lendas de fundação e, para Roma, de fundação será também objeto de particulares reflexões não destituídas de interesse. Consideremos agora o tema do nosso discurso completo, isto é, a matéria do livro, nos seus termos cronológicos. Pode-se partir da Idade do Bronze, mais precisamente da Idade do Bronze Médio da Itália, em torno da metade do II milênio a.C., quando aparecem os primeiros indícios de ocupações dos lugares de Roma, não esporádicas e efêmeras, ligadas por continuidade com o desenvolvimento do futuro organismo urbano através dos restos das fases sucessivas da tardia e extrema Idade do Bronze e da primeira Idade do Ferro. Ponto de chegada será a plena e definitiva configuração da cidade sob a monarquia etrusca no séc. VI a.C.; mas, não sendo possível logicamente interromper o quadro histórico-cultural de Roma arcaica, o extremo limite final do ciclo histórico tomado em exame deverá necessariamente levar-se aos tempos que, segundo a tradição, seguem mais ou menos imediatamente o fim da monarquia e a instauração da república, isto é, ao princípio do séc. V. Sucessivamente, mesmo tendo em conta que cada corte operado no vivo da história é convencional, podemos bem afirmar que a imagem da “primeira Roma” viesse desaparecendo no decorrer daquela longa série de decênios que da primeira metade do séc. V desce até o séc. IV avançado e que os historiadores quase que unânimes são hoje

orientados a considerar um período de depressão política e de obscurecimento cultural: e é aqui justamente que se pode considerar concluído o ciclo das origens.

Todo este desenvolvimento nos parece de tão longa duração: um milênio, absolutamente! Mas é preciso dizer que no início ele é em enorme parte lento e obscuro, enquanto somente nas últimas fases virá acelerando e intensificando-se, além de colocar-se na plena luz dos acontecimentos históricos. A tal propósito poderia nascer a dúvida de que o período da monarquia dos Tarquínios e de Sêrvio Túlio e do início da república entre o final do séc. VII e início do V seja para separar nitidamente dos tempos precedentes, uma vez que este aparece iluminado por uma tradição historiográfica substancialmente crível além de uma série de documentos escritos contemporâneos, isto é, pelos primeiros testes epigráficos: trata-se, isto é, não mais de pré-história ou proto-história, mas de história. Mesmo com todo o valor que se deva dar a estes elementos de juízo, a continuidade do processo de urbanização de Roma se nos apresenta, como veremos, absolutamente ininterrupta desde a Idade do Bronze final e da Idade do Ferro até a cidade serviana das quatro regiões, nem existe um momento em que se possa colocar-se plausivelmente uma cisão. Consequentemente, os limites de tempo nos quais está compreendido o conteúdo desta obra definem uma efetiva realidade histórica unitária.

Quanto aos termos geográficos, toda a atenção do discurso se concentra obviamente naquela que será a área de Roma, com especial consideração pelos dados topográficos mais estritamente coligados à formação da cidade. A consideração se estende às zonas circundantes nos limites em que isto auxilia a esclarecer o desenho histórico, a começar pelas ocupações mais próximas ao incipiente núcleo urbano; e mais largamente ao vale tiberino e ao território lacial enquanto fatores de desenvolvimentos econômicos e sociais. Por direta conexão com os problemas históricos de Roma ou por razões de clarificação analógica se terão presentes também os outros maiores centros do Lácio e, além do Lácio, da Etrúria, e em geral da Itália centro-meridional.

As figuras que ilustram o texto são parte essencial da exposição. Essas respondem em cheio à intenção de oferecer um quadro rigorosamente aderente à realidade histórica e cronológica de Roma primitiva. Foram, portanto, excluídas todas aquelas imagens de esculturas, de pintura ou monetárias que em períodos mais recentes, república tardia e império, haviam tentado representar e reconstruir as histórias das origens e os seus mais ou menos legendários protagonistas: com maior razão as re-evocações artísticas modernas que às vezes ornaram livros sobre Roma antiga destinados ao grande público. Nas escolhas do aparato ilustrativo, não exuberante, mas, adequado, se reflete o caráter intencionalmente histórico, mais que arqueológico, da matéria do livro. Isto é, esta escolha limitou-se apenas a um certo número de exemplos significativos: a reprodução de achados, restos monumentais, fragmentos artísticos que mesmo estariam disponíveis com tanta abundância; enquanto foram publicadas todas as inscrições mais importantes que restaram, e se deu amplo espaço à cartografia, inteiramente original. Todos os gráficos que figuram mapas, plantas, reconstruções, desenhos vários são distribuídos no texto em correspondência com a matéria tratada. As pranchas fora do texto apresentam fotografias das coisas mais importantes no que concerne aos restos materiais dos períodos mais antigos de Roma que nos chegaram, assim como repertórios supletivos de objetos de confronto do Lácio e da Etrúria, úteis para compensar a relativa escassez dos achados da área romana.